



doi: 10.20396/rfe.v10i3.8654116

A culpabilização do indivíduo, se eu, ele ou você quisermos nós conseguimos!?

Hugo Leonardo Prata¹
Edmundo De Drummond Alves Junior²

Resumo

Apresentamos um recorte da pesquisa realizada no âmbito do doutorado em educação na Universidade Nacional de Córdoba -UNC, Argentina, acrescido de determinadas fundamentações teóricas que não fizeram parte da pesquisa original. Utilizamos partes de entrevistas que foram realizadas em uma escola no Rio de Janeiro, Brasil e em Córdoba, Argentina. Trabalharemos aqui com uma categoria que foi criada e desenvolvida na tese a partir de interlocuções com a bibliografia e a posterior análise, categoria esta que utilizamos como título deste artigo. Nos basearemos em princípios teóricos e metodológicos desenvolvidos pela Análise do Discurso - AD, em especial Pêcheux e Orlandi, como também as fundamentações teóricas desenvolvidas por Žizek, dentre outras.

Palavras-chave: Ideologia; Culpabilização do Indivíduo; Análise de Discurso,

Resumen

Presentamos un recorte de la investigación realizada en el ámbito del doctorado en educación en la Universidad Nacional de Córdoba - UNC Argentina, más algunas fundamentaciones teóricas que no formaron parte de la investigación original. Utilizamos partes de entrevistas que se realizaron en una escuela en Río de Janeiro, Brasil y Córdoba, Argentina. Trabajaremos aquí con una categoría que fue creada y desarrollada en la tesis a partir de interlocuciones con la bibliografía y el posterior análisis, categoría que utilizamos como título de este artículo. Nos basamos en principios teóricos y metodológicos desarrollados por Análisis del Discurso - AD, en particular Pêcheux y Orlandi, así como las fundaciones teóricas desarrolladas por Žizek, entre otras.

Palabras clave: Ideología; Culpabilización del Individuo; Análisis de Discurso.

Introdução

¹ Doutor em Educação de la Universidad Nacional de Córdoba -UNC, Argentina. E-mail: hugo.prata@uol.com.br

² Professor da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: edmundodrummond@uol.com.br

O objetivo deste trabalho é analisar o funcionamento da materialidade dos discursos, a partir dos recortes discursivos (RD) selecionados e sua relação com a ideologia.

Sobre o quadro epistemológico da AD, Pêcheux e Fuchs (1997), no texto titulado “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas”, apresentam o quadro teórico da AD, com a articulação das três regiões do conhecimento:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (Idem, p.163,164)

Em se tratando deste quadro teórico, Magalhães e Sobrinho (2013) fazem algumas considerações. Os autores expõem que, na Análise de Discurso, o Materialismo Histórico é necessário para a compreensão das formações sociais, seu movimento dialético de transformação e a ideologia em seu funcionamento. Este lugar do Materialismo Histórico na AD não dispensa a efetiva consideração das condições de produção. Estas são as relações de produção/reprodução/transformação das relações sociais

Por outro lado, em relação a Zizek, existe um certo consenso no que está relacionado com a dificuldade em demarcar um quadro epistemológico, muito em função da vasta literatura produzida pelo autor e, da diversidade de temas trabalhados. Com efeito, no prefácio do livro: “ARRISCAR O IMPOSSÍVEL conversas com Zizek”. Daly (2006) expõe que:

O paradigma Zizekiano — se é que podemos falar nesses termos — extrai sua vitalidade de duas grandes fontes

filosóficas: o idealismo alemão e a psicanálise. Em ambos os casos, o interesse central de Zizek recai sobre certa falta/excesso na ordem do ser. No idealismo alemão, esse aspecto explicita-se mais e mais através da referência ao que se poderia chamar de uma "loucura" inexplicável, que é inerente e constitutiva do cogito e da subjetividade como tal.

Paralelamente, de acordo com Mascaro (2012), na obra de Zizek, “o marxismo é uma das peças, mas também a psicanálise e a filosofia radical não marxista, como a existencial, o completam.” (Idem,p.245)

Dentro deste contexto, mencionamos que um ponto de encontro entre Pêcheux e Zizek no que diz respeito as suas fundamentações epistemológicas, se encontra no marxismo e na teoria lacaniana. Uma temática de investigação ao qual os dois autores se debruçaram e compartilharam interesse, foi a ideologia, fato que é corroborado pelo livro intitulado: Um mapa da Ideologia (1999), organizado por Zizek e onde Pêcheux possui um capítulo.

Segundo Kul-Want (2012), para Zizek,

O marxismo e a psicanálise compartilham a ideia de que a consciência absoluta do *self* é impossível de se atingir. Marx aplicou essa ideia ao capitalismo. Em seguida, Lacan fez o mesmo em relação à estrutura da linguagem. Marx propôs que o sujeito é formado no ato da troca econômica [...], enquanto Lacan sugeriu que a linguagem constrói o sujeito à medida que ele fala (idem, p. 20).

Ideologia no plural

Iniciamos estas reflexões utilizando as fundamentações de Konder (2012). O autor problematiza, proferindo que o conceito de ideologia trouxe para o pensamento contemporâneo a exigência de confrontar-se com uma

questão crucial, inescamoteável, extremamente instigante, que nos impõe a um autoquestionamento radical e nos desafia a uma autorrenovação dramática. O autor se utiliza de uma parábola, onde coloca a questão da ideologia na atualidade, como uma nova variante do enigma que a Esfinge propôs a Édipo. Ao contrário da alternativa "ou decifras o enigma ou te devoro", a questão da ideologia hoje exposta pela Esfinge seria irônica: "Decifra-me, enquanto te devoro". (KONDER, 2002, p.12)

Outro autor que se debruçou sobre o tema foi Löwy (2010), e é exposto pelo referido autor a complexidade de se trabalhar com um conceito tão intrincado, de tal maneira que seria difícil encontrar na ciência social outro conceito tão cheio de significados quanto o conceito de ideologia, onde existe uma acumulação “extraordinária de contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de ambiguidades, de equívocos e de mal-entendidos, o que torna extremamente difícil encontrar o seu caminho nesse labirinto”. (Idem, p.10)

Trazemos para o debate algumas interrogativas levantadas por Ranieri (2003): quando se fala em ideologia, em que se pensa? No cotidiano, nas conversas, onde não existe uma obrigatoriedade na sistematização de um conceito, ou na Academia, onde a exigência se torna mais rigorosa, e por que utilizar essa palavra e não outra?

O autor segue com as interrogativas: a Ideologia é algo que tem conteúdo próprio, deste modo, passível de ser estudado objetivamente, por meio de um procedimento sistemático e lógico, ou trata-se de uma palavra cuja flexibilidade de sentido é de tal maneira que cada conteúdo de suas supostas definições dependerá daquele sujeito que a está usando? Essas são questões difíceis de serem respondidas, uma vez que a ação ideológica parece existir em quase todas as esferas da nossa vida, como podemos perceber, através dos exemplos utilizados de maneira magistral por Mészáros (2014).

O autor cita três verbetes retirados do dicionário do software do editor de textos Word perfect: São eles: “conservador”, “liberal” e “revolucionário”. Teoricamente, este instrumento de consulta deveria

desfrutar de uma isenção ideológica, de acordo com a indagação do próprio autor; afinal, o que seria mais objetivo do que um dicionário? No entanto, não é bem isso que observamos nos significados das citações abaixo:

Conservador – comedido, discreto, de bom gosto, despretensioso, inconspícuo, moderado, quieto, sóbrio, econômico, espartano, frugal, parcimonioso, providente, prudente, regrado, arredo, equilibrado, reservado. **Liberal** – aberto, avançado, despreconceituoso, indulgente, progressista, radical, tolerante; beneficente, generoso, magnânimo, mão-aberta, pródigo; abundante, amplo, suficiente, copioso, excessivo, exuberante, profuso, repleto, rico, transbordante. **Revolucionário** – enfurecido, extremista, extremo, fanático, radical, ultra. (Idem, p. 57)

Em face do exposto, o autor segue problematizando quando expõe que isso ocorre em função de termos as tão estrondosamente aclamadas regras de objetividade “que são aplicadas a um lado do espectro político, em contraposição ao outro. Isto pode ser uma surpresa para muitos. No entanto, a verdade é que em nossas sociedades tudo está impregnado de ideologia”. (Idem, p. 57)

Nesse sentido, em se tratando do conceito de ideologia, por conseguinte, Löwy (2010) elucida que o referido conceito não foi criado por Marx: ele o retomou. Ele foi literalmente inventado, no stricto da palavra pelo filósofo francês Destutt de Tracy, discípulo dos enciclopedistas, que publicou em 1801 um livro chamado *Eléments d' Idéologie*. Para ele, ideologia é um subcapítulo da zoologia, que estuda o comportamento dos organismos vivos, no que se refere ao estudo do relacionamento dos organismos vivos com o meio ambiente, onde trata da questão dos sentidos, da percepção sensorial, através da qual se chegaria às ideias. “É por esse caminho que segue a análise, de um cientificismo materialista vulgar,

bastante estreito, que caracteriza essa obra de Destutt de Tracy.” (LÖWY, 2010, p.11).

A saber, Chauí (1980) explica que o sentido depreciativo dos termos “ideologia” e “ideólogos” surgiu de uma declaração de Napoleão que, num discurso em 1812, declarou: Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história. Desse modo, segue a autora, Bonaparte invertia a imagem que os ideólogos tinham de si mesmos: “eles, que se consideravam materialistas, realistas e antimetafísicos, foram chamados de “tenebrosos metafísicos”, ignorantes do realismo político que adapta as leis ao coração humano e às lições da história”. (Idem, p.12)

Continuando com a autora, é explicitado que o termo ideologia voltou a ser utilizado por Augusto Comte em um sentido próximo ao do original. No entanto, naquele momento para o autor, o termo possuía dois significados, o primeiro: a ideologia continua sendo aquela atividade filosófico-científica que estuda a formação das ideias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o meio ambiente, tomando como ponto de partida as sensações. E o segundo: a ideologia passa a significar também o conjunto de ideias de uma época, tanto como “opinião geral” quanto no sentido de elaboração teórica dos pensadores dessa época.

Para Chauí (1980), o conhecimento teórico tem como finalidade a previsão científica dos acontecimentos para fornecer à prática um conjunto de regras e de normas, graças às quais a ação possa dominar, manipular e controlar a realidade natural e social. Segundo ainda a autora, a concepção positivista da ideologia como conjunto de conhecimentos teóricos possui três consequências principais:

- 1) define a teoria de tal modo que a reduz à simples organização sistemática e hierárquica de ideias, sem jamais fazer da teoria a tentativa de explicação e de interpretação dos

fenômenos naturais e humanos a partir de sua origem real. Para o positivista, tal indagação é tida como metafísica ou teológica, contrária ao espírito positivo ou científico; **2)** estabelece entre a teoria e a prática uma relação autoritária de mando e de obediência, isto é, a teoria manda porque possui as ideias e a prática obedece porque é ignorante. Os teóricos comandam e os demais se submetem; **3)** concebe a prática como simples instrumento ou como mera técnica que aplica automaticamente regras, normas e princípios vindos da teoria. A prática não é ação propriamente dita, pois não inventa, não cria, não introduz situações novas que suscitem o esforço do pensamento para compreendê-las. (...) O grande lema do positivismo é: “Ordem e Progresso”. Só há “progresso”, diz Comte, onde houver “ordem”, e só há “ordem” onde a prática estiver subordinada à teoria, isto é, ao conhecimento científico da realidade. (CHAUÍ, 1980, p.13)

Segundo a própria autora, inclusive, observaremos, com o marxismo, como a concepção positivista de ideologia é, ela própria, ideológica. Em relação a Marx, de acordo com Löwy (2010), é no livro *A ideologia Alemã*, a partir de 1846, que Marx por sua vez, lhe dá um outro sentido, o conceito de ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real. (Idem, p.11).

Mais tarde, Marx desenvolve o conceito e fala das formas ideológicas por meio das quais os indivíduos tomam consciência da vida real, ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real. Ele as enumera como sendo a religião, a filosofia, a moral, o direito, as doutrinas políticas etc. Para Marx, de acordo com as palavras de Löwy, “claramente, ideologia é um conceito pejorativo, um conceito crítico que implica ilusão, ou se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante” (LÖWY, 2010, p.12).

Entretanto, em contraste com esta afirmação de que em Marx o conceito de Ideologia é visivelmente pejorativo, Konder (2002) expõe: “não podemos deixar de levar em conta, também, que o processo da ideologia é maior do que a falsa consciência, que ele não se reduz à falsa consciência, já que incorpora necessariamente em seu movimento conhecimentos verdadeiros”. (Idem, p.49)

Dentro deste contexto, o autor segue argumentando ao dizer que em uma leitura mais minuciosa de Marx e Engels, é fundamental o empenho em compreender as ideias que cada um deles formulou no contexto em que tais ideias foram formuladas. Os conceitos se ligam a avaliações que, por sua vez, nos remetem a circunstâncias específicas, de modo que mesmo as teorias mais abstratas podem precisar de observações capazes de relacioná-las a um quadro de referências historicamente concreto. Como exemplificação do exposto anteriormente, Konder (2002) acresce:

Quando Marx comparou a inversão acarretada pela representação ideológica à inversão promovida pela técnica da fotografia na câmara escura (nos negativos), ele não estava caracterizando com rigor científico a estrutura do funcionamento da ideologia; estava apenas recorrendo a uma imagem sugestiva, que lhe foi inspirada por uma invenção muito recente, que na época exercia poderoso fascínio sobre as pessoas (inclusive sobre o próprio Marx). (Idem, p.50)

Uma vez que as distorções ideológicas não se deixam explicar mediante o emprego de uma fórmula extraída da física, da óptica, os problemas relativos à ideologia nos demandam um processo de mais alta complexidade. Como podemos evidenciar na passagem: “o processo histórico-real da ideologia é maior que a falsa consciência. Marx, desde cedo, via a dimensão subjetiva em concreta articulação com os movimentos da realidade objetiva”. (Idem, p. 142)

Formações ideológicas e Fantasia ideológica.

De acordo com Pêcheux (1995), podemos considerar as formações ideológicas como um complexo conjunto de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, contudo se relacionam quase que absolutamente a posições de classe em conflito umas com as outras. As formações ideológicas caracterizam-se por constituírem elementos capazes de intervir como uma força em confronto com outras, na conjuntura ideológica de uma determinada formação social.

Dentro deste contexto, Pêcheux e Fuchs (1997) expõem que somos levados, de tal modo, a pensar o tema da relação entre ideologia e discurso.

Com efeito, Orlandi (2012) despende uma maior importância para a concepção de formação discursiva (FD). De acordo com a autora, uma formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito” (idem, p. 43). Desta maneira é exposto que os sentidos sempre são definidos ideologicamente. A noção de ideologia, é deslocada, talhada a partir de uma definição discursiva. A atuação da ideologia na resolução do discurso é o de “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (p. 46).

Da mesma forma que produz evidências, a ideologia, enquanto estrutura-funcionamento, “dissimula sua existência a partir de seu próprio funcionamento” (p. 46), criando, desta maneira a ilusão da transparência dos sentidos a partir do apagamento da determinação da formação discursiva enquanto instância ideológica de produção de sentidos. De acordo com Orlandi (2012) “a ideologia não é ocultação, mas função necessária entre língua e mundo” (idem, p. 47).

Segundo Pêcheux e Fuchs (1997) é necessário conceber o discurso como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outra forma, a condição discursiva pertence, assim pensam os autores, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as

formações ideológicas comportam fundamentalmente, como um de seus elementos, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, “articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, a partir de uma posição dada numa conjuntura, (...) no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes”. (Idem, p. 166).

Prosseguindo com os autores, fica evidente que:

A ideologia interpela os indivíduos em sujeitos: esta lei constitutiva da Ideologia nunca se realiza "em geral", mas sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção, e isto, em razão de suas características "regionais" (o Direito, a Moral, o Conhecimento, Deus etc....) e, ao mesmo tempo, de suas características de classe. Por esta dupla razão, as formações discursivas intervêm nas formações Ideológicas enquanto componentes. (Idem, p. 167)

Dentro desta complexidade em que o tema se desenvolve, Pêcheux e Fuchs (1997) se utilizam de um exemplo que, apesar de datado, é extremamente esclarecedor. Os respectivos autores falam de uma formação de ideologia religiosa no modo de produção feudal, que se constituía como uma das formas da ideologia dominante, que realizava "a interpelação dos indivíduos em sujeitos" através do Aparelho Ideológico do Estado religioso, "especializado" nas relações de Deus com os homens, sujeitos de Deus, na forma específica das cerimônias (ofícios, batismos, casamentos e enterros etc...), que, sob a figura da religião, intervém, em realidade, nas relações jurídicas e na produção econômica, portanto no próprio interior das relações de produção feudais.

Na prática destas relações ideológicas de classes, distintas formações discursivas interferem enquanto componentes combinadas cada vez em formas específicas, por exemplo, e enquanto hipótese histórica a ser verificada:

de um lado, a pregação camponesa reproduzida pelo "Baixo-Clero" no interior do campesinato, de outro o sermão do Alto-Clero para os Grandes da nobreza, logo duas formações discursivas, a primeira subordinada à segunda, de modo que se trata, ao mesmo tempo, das mesmas "coisas" (a pobreza, a morte, a submissão etc...), mas sob formas diferentes (ex.: a submissão do povo aos Grandes/a submissão dos Grandes a Deus) e também de "coisas" diferentes (ex.: o trabalho da terra/o destino dos Grandes). (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p, 167)

Por fim, os autores expõem que uma determinada formação discursiva existe historicamente no interior de determinadas relações de classes, fornecendo elementos que se integram em novas formações discursivas, constituindo-se no interior de novas relações ideológicas, que colocam em jogo novas formações ideológicas. Como exemplificação temos que as formações discursivas mencionadas anteriormente, desaparecidas enquanto tais, forneceram elementos que foram "retornados" em diferentes formas históricas da sociedade burguesa e reapropriadas na dominação ideológica desta mesma classe.

Por sua vez, Zizek (1992,2010, 2017) apresenta uma de suas inovações filosóficas, o papel da fantasia dentro da ideologia. Nas palavras do autor:

A fantasia é tanto aquilo que encobre as inconsistências dentro da ordem simbólica quanto aquilo que permite a interpelação ideológica na nossa época aparentemente pós-ideológica: é por meio da nossa aparente distancia da ideologia (

gozo não ideológico, fantasia, cinismo) que a ideologia nos captura.”[A] mensagem com que o discurso de poder nos bombardeia é inconsistente por definição; sempre há uma lacuna entre o discurso público e seu suporte fantasmático. (ZIZEK, 2017, p. 384)

De uma maneira mais precisa, poderíamos dizer que a ideologia funciona pela articulação de uma fantasia. A fantasia ideológica é um cenário imaginário que permite ocultar o antagonismo sobre o qual se funda qualquer campo social.

Para captar essa dimensão da fantasia, devemos retornar à fórmula marxista do "disso eles não sabem, mas o fazem", e levantar, a seu respeito, uma questão absolutamente ingênua: onde se encontra, aqui, o lugar da ilusão ideológica, no "saber" ou no "fazer", na própria realidade"? À primeira vista, a resposta parece óbvia: trata-se de uma simples discordância entre o saber e a realidade - não sabemos o que fazemos", fazemos uma coisa e temos uma falsa representação dela. Essa falsa representação, naturalmente, é, ela mesma, por sua vez, o efeito necessário de uma efetividade social alienada, invertida etc. (p.61)

De acordo com o autor, “o que experimentamos como “realidade” é estruturado pela fantasia, e se a fantasia serve como crivo que nos protege, impedindo que sejamos diretamente esmagados pelo real cru, então a própria realidade pode funcionar como uma fuga de um encontro com o real” (ZIZEK, 2010, p.73).

Sumariamente, poderíamos dizer que quando nossa percepção sobre a realidade se ofusca, ou ainda, quando as coisas estão demasiadamente imbricadas em função da complexidade das construções sociais que as constituíram, a fantasia atua nos oferecendo uma resolução “fácil”, a partir dos (RD) que apresentaremos abaixo, diríamos: “se culpabiliza o indivíduo”, isso ocorre, essencialmente, em uma sociedade cuja

responsabilidade individual é levada aos extremos, em que o sujeito é unicamente responsável por seu sucesso/fracasso.

Recortes discursivos (RD)

“Eu acho que sim, porque, se você não se cuidar fica pior. E também tem muita coisa para se fazer, basta querer que você consegue. Tem tudo aí. (...)

“se é inevitável eu não sei, mas se a pessoa quiser tentar ela consegue, tem que ter força de vontade, acreditar que com certeza consegue sim”.

“Isso sim, como falei antes. Eu respondi, que a pessoa é velha e não quer se curar, ficar boa, melhorar, se querer consegue.”

“Olha, isso aí, isso aí, já é mais assim de cada um, porque eu conheço pessoas que são já pessoas da terceira idade né, mais de 60 anos de idade que estudaram aqui, é inclusive nesse mesmo colégio, tem um ano atrás e tão querendo estudar de novo fazer atééé cursos para poder tentar fazer um um um como é que se fala, prova né para o Enem essas coisas aí. Só depende deles mesmos, depende deles. Conheço pessoas que estudam”.

“Não, acho que não. Porque isso, isso depende muito do que você vem fazendo desde a sua juventude até a sua velhice, o que você você faz, exercícios, o que você come ou deixa de comer é é. Depende das suas próprias escolhas. Eu acho que é assim.”

“É não todos, porque o....só se cuida, dá uma corridinha, não bebe, não fuma, não usa droga, não aí.”

(...) “Muitas das vezes sim, quando você tem um sonho e não consegue conquistar aquele sonho, muitas vezes sim, mas se você acreditar mesmo depois de velho, depois da velhice né, acho que a pessoa é capaz de conseguir sim.”

“Não, acho que não. Porque isso isso depende muito do que você vem fazendo desde a sua juventude até a sua velhice, o que você você faz, exercícios, o que você come ou deixa de comer é é. Depende das suas próprias escolhas. Eu acho que é assim”.

“El caso de mi pareja que tiene su padre que tiene casi 80 no tiene ninguna enfermedad, eso depende de cómo se cuidan. Porque el otro el hermano, tiene 80 y algo y tiene diabetes. Hasta el día de hoy no le falta su vino, y antes fumaba muchísimo pero dejó. Todo el tema del cuidado”.

“Puede ser, no todos. Depende de cómo fue en su vida, como llegaron en la vida. Porque si fue una persona con muchos problemas con el alcohol, con el cigarrillo, esas cosas, seguro que sí. Pero si son personas que estuvieron trabajando toda su vida, que estuvieron activos todo el tiempo me parece que no.”

Enfatizamos, que de acordo com os pressupostos teóricos da (AD), a partir do momento que selecionamos, mobilizamos, interagimos com o referencial teórico, já estamos realizando a análise. Nessa perspectiva, a etapa subsequente do trabalho com o corpus diz respeito ao recorte dos enunciados que constituirão as unidades de análise.

Com efeito, mencionamos que não existe a intencionalidade de buscar uma explicação, mas posições sujeito e sentidos. De acordo com Orlandi (2012), os sentidos, como são considerados em análise de discurso, não têm origem e não são transparentes. Esta quiçá seja a diferença fundamental: não trabalhamos com a origem dos sentidos, mas com suas múltiplas formulações possíveis, em seu processo de significação, não consideramos o enigma dos sentidos, mas sua opacidade, ou seja, sua não transparência, não evidência. E a interpretação para nós não é reveladora, ao contrário, é parte constitutiva dos sentidos. Por fim, não buscamos explicar os sentidos, mas compreender o seu modo de produção e seus efeitos.

Dentro deste contexto, segundo Orlandi (2012), faz parte da ideologia, no capitalismo, a existência de formas de onipotência no chamado domínio pessoal em que a posição é “se eu quiser, eu posso tudo” e essa posição aparece como se sustentando na vontade e na consciência. No sujeito como origem e dono de si. Ilusão da transparência do sujeito para si mesmo. Ilusão da transparência da sociedade, negação da ideologia.

Nos recortes anteriores (RD), diversos efeitos de sentidos foram produzidos. O que foi possível observarmos a partir dessas materialidades discursivas confirma o que diz Pêcheux: a marca do inconsciente como “discurso do outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos. (PÊCHEUX, 1995, p. 171)

De acordo com as palavras de Magalhães e Sobrinho (2013), a ideologia desempenha uma determinada função social, já que enquanto produção social atua sobre os sujeitos, orientando suas ações para a manutenção e/ou transformação das relações de produção. Esse funcionamento é produzido, é fruto das práticas históricas dos sujeitos, que estabelecem individualidades como fonte das relações sociais, expressas, em diversas vezes, em dizeres que asseguram que “você pode”, “eu posso”, “você consegue”. Para que isto ocorra, são silenciadas as contradições sociais, “que inviabilizam que ‘todos efetivamente possam’, ou apagando determinações sociais de raiz e base material que não apenas diferenciam, mas dividem em relações desiguais e contraditórias os sujeitos, os objetos e os sentidos”. (Idem, p.97)

Sob o mesmo ponto de vista, Bolognesi (2014), expõe que concretamente, o sujeito pode imaginar-se livre e responsável pelos seus atos, contudo, em última instância isso não passa de ilusão, precisamente a ilusão com que a ideologia interpela, para que o sujeito imagine escolher e responder por coisas e atos que realiza numa relação real de submissão e sujeição. Com efeito, continua a autora, ao dizer que na realidade, trata-se de processos sem sujeito constituintes, nos quais os sujeitos concretos, “são

apanhados para cumprirem papéis dos quais não têm consciência, investidos que se encontram em fantasias, o que não impede de – ao contrário, os estimula a – se responsabilizarem e culparem uns aos outros”. (BOLOGNESI, 2014,p.52)

Considerações finais

Acreditamos que as reflexões de Sánchez Gamboa (2012) nos trazem valiosas contribuições:

Nas ciências sociais como na educação, tanto o investigador como os investigados (grupo de alunos, comunidade ou povo) são sujeitos; o objeto é a realidade. A realidade é um ponto de partida e serve como elemento mediador entre os sujeitos. Numa relação dialógica e simpática, como é o caso do processo da pesquisa. Esses sujeitos se encontram juntos frente a uma realidade que lhes é comum e que os desafia para ser conhecida e transformada. (...) Certamente é possível superar os diferentes desvios e condicionantes que reduzem a capacidade de compreensão da problemática da realidade e a dimensão transformadora, da pesquisa a um simples exercício de repetição de um saber técnico. Tal reducionismo que desvirtua a tarefa fundamental de produzir novas respostas e acumulação de massa crítica para a transformação da realidade precisa ser superado em prol de um conhecimento que contribua para que os nossos países e as sociedades neles constituídas percorram seus caminhos de afirmação científica, econômica, política e cultural de que tanto precisam (SÁNCHEZ GAMBOA, 2012, p.14)

Compreendemos que estas concepções expostas anteriormente se articulam com esta investigação, já que indicam um caminho que acreditamos que mereça ser refletido, o de que o nosso objeto é a realidade.

Diante do exposto, mencionamos que o sujeito está condenado a interpretar. No percurso que nos trouxe até aqui, transcorremos todo um caminho através do interpretar deste sujeito. Refletimos, que ao estar inserido em uma dada conjuntura perpassada pelas questões econômicas, sociais e históricas, a necessidade de interpretação torna-se uma imposição ao sujeito. Todavia, apontamos que esta obrigação não ocorre de maneira gratuita, ela vem conduzida pelo trabalho da ideologia. Mészáros (2014), expõe que, nas sociedades capitalistas, o discurso ideológico dirige de tal maneira a determinação de todos os valores que correntemente não temos a menor suspeita de que fomos induzidos a acolher, sem questionamento, um determinado conjunto de valores.

Por fim, fazemos alusão a Zizek, que inspirado em Bertolt Brecht propõe o pensamento cru, nada é mais importante do que aprender a pensar cruamente. O pensamento cru é o pensamento dos grandes homens. A luta pela libertação da opressão geralmente implica um processo doloroso.

Referências

PÊCHEUX, Michel. e FUCHS, Catherine. (1997). *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas* (1975). Em F. Gadet, & T. Hak, (Orgs.). Por uma análise automática do discurso, uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (B. S. Mariani [et all.], Trad.), (p. 163-246). Campinas, SP: Editora Unicamp.

PÊCHEUX, Michel. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. Traduzido por José Horta Nunes. In: Cadernos de Estudos Linguísticos nº 19. Campinas/SP: IEL/UNICAMP, p. 7-24 jul.-dez., 1990.

_____. *Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1995.

MAGALHÃES, Belmira. e SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. *Materialidades discursivas e o funcionamento da ideologia e do inconsciente na produção de sentidos*. Revista Gragoatá. Niterói, n. 34, p. 95-111, 1. sem. (2013).

ZIZEK, Slavoj e DALY, Glyn. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. Martins Fontes, 2006.

MASCARO, Alysson Leandro. *Zizek e a crítica de nossos tempos*. Revista Trama Interdisciplinar, v. 3, n. 1, 2012.

ZIZEK, Slavoj. *O espectro da ideologia*. In: *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

KUL-WANT, Christopher; PIERO. *Entendendo Slavoj Žižek: um guia ilustrado*. Tradução de Adriana de Oliveira. São Paulo: Leya, 2012.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. - 19. ed.- São Paulo: Cortez, 2010.

RANIERI, Jesus. *Sobre o conceito de ideologia*. Estudos de Sociologia. Araraquara, 13/14: 7-36, 2003.

MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. São Paulo, Boitempo, 2014.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. SP, Pontes, 2012.

ZIZEK, Slavoj. *Interrogando o Real*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.

ZIZEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Tradução Maria Luiza S. de A. Borges. 2010.

BOLOGNESI, Roselaine. *O discurso de Althusser sobre educação e sua repercussão no Brasil*. Campinas, SP, Arte escrita, 2014.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio Ancizar. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. 2a. ed. Chapecó SC: ARGOS, 2012. 212p.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro. 1992.

Submetido em: 15/01/2018

Aceito em: 15/02/2018

Publicado em: 04/04/2018